



*Agenda 150 Anos de Memória
Histórica do Tribunal Bandeirante*

*Homenagem ao
Desembargador Dagoberto Salles Cunha
Camargo e ao Juiz Dagoberto Salles
Cunha Camargo Filho*

15/09/2015

ÍNDICE

Clique nas chamadas para ser remetido para a página onde se localiza o texto

DISCURSO - Des^a. Constança Gonzaga Junqueira de Mesquita (Oradora em nome do Tribunal de Justiça de São Paulo)

ENCERRAMENTO - Des. Eros Piceli (Vice-Presidente do Tribunal de Justiça)

A Corte paulista, em cerimônia realizada no Palácio da Justiça, homenageou o Desembargador Dagoberto Salles Cunha Camargo e ao Juiz Dagoberto Salles Cunha Camargo Filho, em continuidade à Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante.

Foram lembrados, em solenidade da Agenda 150 Anos de Memória Histórica do Tribunal de Justiça Bandeirante, pai e filho que honraram a Magistratura paulista: o desembargador Dagoberto Salles Cunha Camargo e o juiz Dagoberto Salles Cunha Camargo Filho.

O desembargador Dagoberto Salles Cunha Camargo nasceu na cidade de São Paulo em 1928. Estudou Direito na Universidade de São Paulo, turma de 1950, e ingressou na Magistratura em 1954. Nos anos seguintes foi juiz nas comarcas de Dracena, Pitangueiras, Porto Feliz, Piracaia, Tupã e São Paulo. Foi alçado ao cargo de desembargador em 1979, chegando a ser eleito 2º vice-presidente para o biênio 1992/1993. Aposentou-se em 1995 e faleceu em 2008.

O juiz Dagoberto Salles Cunha Camargo Filho nasceu em 1948, em São Paulo, Capital. Estudou Direito no Largo de São Francisco (USP), turma de 1983. Obteve sucesso no ingresso na Magistratura em 1985, sendo nomeado para a Comarca de Estrela D'Oeste. Também passou pelas cidades de Itapevi e Santo André, antes de assumir a 2ª Vara da Família e Sucessões, na Capital. Faleceu em julho de 1998.

A cerimônia, entremeada de emoção, teve como oradora em nome do Tribunal a desembargadora Constança Gonzaga Junqueira de Mesquita.

Senhores e Senhoras

O Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, Desembargador José Renato Nalini, dando curso à Agenda 150 anos de Memória Histórica do Tribunal Bandeirante, honrou-me sobremaneira ao convidar-me a proferir algumas palavras em nome de dois magistrados cujos nomes se entrelaçam de maneira profunda e indissolúvel pelos laços de sangue que os unem. O primeiro deles, DAGOBERTO SALLES CUNHA CAMARGO, o segundo, seu querido e inesquecível filho primogênito, DAGOBERTO SALLES CUNHA CAMARGO JÚNIOR, meu amado sobrinho.

Todas as famílias têm a sua história recheada de momentos alegres e tristes causados pela perda dos entes queridos, mas por ironia do destino, também engraçados... A nossa família a qual o Dagô (pai) veio a se integrar, não foge à regra.

Tudo começou na casa do nosso querido tio GONZAGA. O tio Gonzaga como carinhosamente o chamávamos, era publicamente conhecido como Desembargador João Marcelino Gonzaga, que teve a honra de ocupar a presidência desta casa no biênio de 1958/1959. Era irmão de nosso querido e pranteado pai Augusto Gonzaga, Delegado de Polícia desta cidade de São Paulo, de quem muito nos orgulhamos, humanista por excelência e, por isso, movido por tolerância incomensurável, fruto de sua especial inteligência, bondade e retidão. João Bernardino Gonzaga, filho do João Marcelino, nosso primo, era um dos melhores amigos do Dagô e foi lá então, frequentando a casa do amigo, que o Dagoberto e nossa querida irmã Ângela se conheceram, namoraram e vieram a se casar no dia 8 de janeiro de 1953. Foi um casamento feliz donde advieram os dois filhos do casal: o Júnior e o Clóvis.

Feita esta breve introdução, reporto-me à pessoa do Dagoberto pai e, nesse passo, relato dados a mim transmitidos por outro grande amigo-irmão, o CÉLIO DEBES:

Dagoberto Salles Cunha Camargo nasceu em SP, em 26 de janeiro de 1928, filho dos professores Vicente Ferreira de Camargo e de D. Carolina Salles Cunha Camargo.



Fez seus primeiros estudos no Colégio do Estado Presidente Roosevelt, na Rua São Joaquim, na Capital, optando pelo Curso Clássico completado em 1945. Estudioso e aplicado, não deixava de participar das atividades recreativas e culturais, então comuns à época. Leitor inveterado, era “rato” de livraria onde buscava adquirir as mais notáveis obras de autores nacionais e internacionais em especial, portugueses, daí vindo a adquirir sólida formação intelectual.

A memória do Dagoberto sempre foi notável. Tinha extrema facilidade em reter todas as matérias que lhe eram lecionadas. Jamais foi reprovado. Segundo o Célio, inclusive em matemática, a mais temida delas! Segunda época, jamais! De marcante conduta altruísta, na véspera das provas estava sempre disposto a rever as matérias com colegas menos preparados.

O talento para escrever e o interesse cultural levou-o a ingressar na chamada *Academia de Letras* do Colégio e a incorporar-se ao grupo de alunos do Clássico. Nessa ocasião fundou a revista o **tonel**, muito bem aceita à época.

Dagoberto ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Fez parte da turma de 1950. Conhecido como ótimo aluno, conservou o hábito de auxiliar os colegas na revisão de matérias nas vésperas dos exames. Devorador de livros era freguês constante da livraria SARAIVA, dirigida pelo benemérito Joaquim Saraiva Filho, que fornecia livros a crédito, mediante abertura de contas individuais, saldadas sem prazo fixo, conforme as possibilidades de cada um.

Teve ativa vida estudantil, filiado ao Partido Renovador, com prestígio e liderança; relutava, contudo, a candidatar-se a qualquer cargo. Formou sólida turma de amigos que concluiria o curso de bacharelado em 1950, encontrando-se com esses amigos uma vez por semana sob o relógio do Mappin. Esse ponto de encontro se perpetuou por anos a fio até mesmo quando já formados e a turma encontrava um tempinho para um chopp nos arredores. Habilitou-se como *Solicitador Acadêmico* perante a OAB, vindo a trabalhar no escritório de seu primo Roberto Salles Cunha, especializado em Direito do Trabalho, área em que militaria com êxito. Trabalhou também como advogado num frigorífico bastante conceituado em São Paulo.

Teve participação ativa na imprensa acadêmica, fazendo parte da direção do *Correio das Arcadas* em 1949, com profícua colaboração.

Dagoberto iniciou a sua vida pública como Delegado de Polícia. Foi aprovado em concurso, tocando-lhe a Delegacia de Bofete, próxima de Botucatu. Nesse local, coube-lhe a espinhosa tarefa de dar combate ao *cambio negro*, referente a dois produtos alimentícios: *o açúcar e o sal*. Sua segunda Delegacia foi a de Araçoiaba, na região de Sorocaba, região de violenta disputa política entre os partidos locais, ocorrendo assassinatos de elementos da oposição. Nessa ocasião, fez ver ao prefeito situacionista que a ordem pública devia ser restaurada e que a Polícia seria rigorosa na busca de sua efetivação. Obteve envio de reforço do destacamento da Força Pública hoje Polícia Militar, estabelecendo o policiamento ostensivo. Assim, a posse do novo prefeito oposicionista transcorreu pacificamente, apesar de ameaças de morte sofridas. Seu procedimento foi muito elogiado pelo então juiz eleitoral.

Na verdade, o objetivo do Dagoberto era prestar o concurso para magistratura. Para isso, demitiu-se do cargo de Delegado de Polícia, retornou a São Paulo onde montou escritório de advocacia, atuando na área trabalhista.

Em 1954, enfrentou rigorosa banca examinadora, classificando-se em primeiro lugar. No entanto não foi nomeado! Também não esmoreceu. No concurso seguinte, inscreveu-se e, pela segunda vez, classificou-se em primeiro lugar, seguindo em frente em sua brilhante carreira:

Foi Juiz Substituto nomeado para a 1ª Secção Judiciária, com sede em Santos.

Como Juiz de Direito de 1ª Entrância passou pelas seguintes comarcas:

Dracena, em 01.10.1954;

Removido para a comarca de Pitangueiras, em 12.01.1955;

Removido para a comarca de Porto Feliz, em 11.09.1957.

Juiz de Direito de 2ª Entrância. Promovido para a comarca de Piracaia, em 14.02.1958.

Juiz de Direito de 3ª Entrância. Promovido para a 2ª Vara da Comarca de Tupã, em 13.9.1961.

Juiz de Direito de 4ª Entrância;



Optou pela permanência na Comarca de Tupã (elevada à 4ª Entrância);
Removido para 11ª Vara Criminal da Comarca de São Paulo, em 19.05.1965;
Removido para o cargo de Juiz Substituto de 2ª Instância, em 20.08.1969.
Juiz de Direito do 2º Tribunal de Alçada Civil do Estado de São Paulo, em 19.8.1969.
Juiz do Tribunal de Alçada Criminal, em 22.12.1972.

Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Promovido pelo critério de merecimento.
Posse em 28.11.1979.

2º Vice-Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Eleito pela Seção Criminal, em 20.12.1991. Posse em 03.02.1992.

Aposentado por ato de 31.08.1995.

Dagoberto sempre foi homem de fé, que acreditava na Providência Divina. Em certo momento de sua carreira, ao saudar o amigo e colega JOSÉ MAURO BOUROUL RIBEIRO, juiz experiente na área cível e que então tomava posse no Tribunal de Alçada Criminal, ao referir-se à sua primeira comarca, assim se pronunciou:

Em certo momento de minha vida encontrei-me em situação semelhante à sua. Surgiram várias vagas para promoção e eu me inscrevi para todas. Contra meu desejo e minhas expectativas, acabei sendo promovido para aquela que eu então julgava ser a pior das comarcas em concurso: Tupã. Pois foi essa a comarca em que fui mais feliz e donde guardo as melhores recordações de minha vida no interior.

Marcantes também suas palavras pronunciadas por ocasião de sua aposentadoria, neste momento de rara emoção em que mais uma vez demonstrou a profundidade e acuidade de sua inteligência, aliadas a uma profunda sensibilidade na análise de sua despedida:

“Na vida há tempo para tudo. Para chegar e começar, para partir e dizer adeus, cinco letras que choram, como diz a velha canção popular, feliz no traduzir a intensa dose de sentimento que envolve a palavra.

Sou testemunha ou participe de mais de 4 décadas da vida da justiça ordinária estadual e desde o primeiro dia servi a Magistratura com dedicação exclusiva e jamais dela me servi, do que muito me orgulho e envaideço.

A jornada foi longa e nela tive muitas alegrias e incontáveis momentos de muita felicidade. Se também houve espinhos e pedras no meu caminho ninguém os colocou diante de meus passos, foram todos frutos de minhas incontornáveis limitações e de minha forma de ser pensar e agir.

E afinal: Agora, ousou fazer minhas as palavras de São Paulo na segunda carta a Timóteo:

“.....chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.”

Dagoberto foi assim exatamente como dizem suas palavras de despedida. Na medida em que o ser humano é falível deu o máximo de si para prestar o melhor serviço à sociedade e podemos dizer sem a menor sombra de dúvida que seus julgados constituem um grande legado para a justiça criminal de nosso país.

Passaremos agora à segunda parte de nosso pronunciamento, parte pungente por se referir à linda, afetiva, doce e grandiosa pessoa do Dagoberto Salles Cunha Camargo Júnior.

Foi o primeiro neto assim como o primeiro sobrinho. Nasceu no dia 28 de agosto de 1958, vindo a falecer no dia 22/07/98.

Nasceu em São Paulo, porém em razão da carreira seguida por seu pai, à época juiz da comarca de Piracaia para lá mudou-se com a família. Foi uma criança saudável, robusta com desenvolvimento mental superior à idade atual, fato este observado por seus mestres que comentavam sua enorme facilidade de aprendizado e de adaptação nas escolas que frequentou tanto em Piracaia quanto em Tupã, comarca para a qual mudou-se em função da promoção de seu pai como já reportado.

As férias em grande parte eram passadas em nossa casa em São Paulo e jamais me esquecerei da emoção da chegada de toda a família e sua tralha (roupas, brinquedos e tudo o mais para garantir o conforto da longa estadia), durante todo o período das férias forenses.

Dois anos mais tarde com a chegada do Clóvis, o movimento e a alegria aumentou. Os dois eram muito



bonzinhos e ai deles se não fossem, pois a Angela era muito exigente com horário, disciplina e alimentação. O Júnior sempre foi “bom garfo”, chegando a ficar até gordinho, mas o Clóvis, era obrigado, coitadinho, a comer banana amassada com açúcar à força. Dava dó de assistir o espetáculo! Dizem que até hoje ele não suporta essa tão interessante fruta nativa. Mas louvadas sejam as boas intenções da Angela! É por isso que os dois cresceram saudáveis e resistentes àquelas doenças infantis, transformando-se em adultos aptos ao estudo e trabalho como se observa.

As férias quando os meninos já eram crescidos eram passadas no balneário de Bertioga onde a família possuía uma casa. Lá o Júnior e Clóvis se divertiam muito com a turma de amigos: jogavam football, ping pong, brincavam de manhã à noite.

Na trajetória da vida do Júnior, deve ser sempre lembrada e jamais esquecida a presença de seu irmão Clóvis. Era amigo e confidente desde o início até o fim. O respeito entre ambos era sagrado, apesar de ambos seguirem carreiras profissionais distintas: O Primeiro Magistrado, o segundo, Médico.

O Dagoberto Júnior sempre estudou em escola pública. Primeiro no Mário de Andrade no bairro do Brooklyn. Foi excelente aluno.

Depois, o Ginásio e o Colegial (assim denominados à época) na Escola Estadual Mário de Andrade.

Fez o curso de Direito no Largo de São Francisco (USP), e, naquele mesmo ano em que ingressou na Universidade, prestou concurso para escrevente do E. Tribunal de Justiça, logrando aprovação.

A vida universitária do Dagoberto Júnior foi muito feliz e trouxe muitos frutos. Foi lá que conheceu a Cláudia com quem veio a se casar. Desse casamento advieram o Lucas e a Luiza. Lucas, orgulho da nova geração dos Cunha Camargo também é advogado formado pelas Arcadas, ocupando honrosa banca de advocacia no prestigioso Escritório de Advocacia PINHEIRO NETO. Vai se casar no próximo dia 19 do corrente mês com a Marina, brilhante advogada do Banco Itaú, sua companheira de classe no curso de Direito. Além do LUCAS, veio a nossa querida LUIZA, jornalista emérita, graduada pela faculdade Cásper Líbero, atualmente cursando HISTÓRIA na USP.

Nessa sequência e por respeito à amizade dos irmãos, lembramos a presença da MARIA FERNANDA, médica dermatologista, maravilhosa profissional, pessoa e mãe do PEDRO e do JOÃO, promissores adolescentes. O Pedro parece que pretende seguir profissão na área de exatas, e o Joãozinho ainda está um pouco pequeno para se definir.

Feita essa introdução, tenho para mim que, para o Dagoberto o tempo mais expressivo de sua vida foi aquele em que desfrutou da amizade dos amigos diletos, colegas da Faculdade, entre eles: ALCIDES LEOPOLDO E SILVA (CIDÃO), ALFREDO FANUCCHI NETO, de saudosa memória, JUNIO LUSWARGHI (Birigui), CARLOS ROBERTO DA SILVA (CARLÃO) igualmente saudosos e do FIFA (Luiz Fernando), o NISHI, CHICO LOUREIRO, CARLOS EDUARDO PACHI “CUCA” e outros mais cuja memória agora me falha.

É do Cidão o relato que a seguir transmito que mostra a intensidade da vida acadêmica daqueles promissores jovens:

“Desde a primeira semana do 1º ano de Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (1978), na ‘resistência’ ao trote, começou a se formar um ‘Grupo’. No início, de calouros, com as cabeças raspadas, em que mal dava para se distinguir um do outro, a que foi agregando outros estudantes e perdurou durante todo o tempo do curso, e que preserva até os dias de hoje, não a cordialidade formal dos tribunais, mas a amizade verdadeira que se reconhece pela qualidade e não pela quantidade.

Éramos uma turma muito unida. Aonde ia um, iam todos. Fosse a uma festa sem ser convidado, ao cinema com a namorada ou apenas tomar um cafezinho no intervalo das aulas no “Bar da Sogra”.

Em razão desta união, não tenho como falar do Dagô, sem lembrar do Alfredo Fanucchi Neto (Abelha), do Junio Luswarghi (Birigui) e do Carlos Roberto da Silva (Carlão), igualmente saudosos.

Dagô gostava da política. Não era de subir em palanque ou fazer discurso, mas sabia conversar e mais, ainda, ouvir¹. Era observador e crítico, com uma percepção diferenciada das coisas.

1 Qualidades que exerceu mais tarde quando participou da Apamagis em companhia do Sérgio Rezende, Ricardo



A São Francisco internamente refletia o momento político do País. Havia uma divisão bem nítida entre aqueles que eram tidos como de “direita” e os de “esquerda”, e uma rivalidade e hostilidade sem razão de ser.

Isso nos motivou no 3º ano (1980) a fundar um Partido para concorrer à eleição do Centro Acadêmico XI de Agosto, partido que tinha como única finalidade “resgatar e preservar as tradições acadêmicas”.

De cara tivemos um contratempo. Seu Chico Elefante, “o amigo do estudante”, funcionário imemorial do XI de Agosto, mas que se achava dono dele, não registrou a sigla, por não admitir “sem vergonhice” na eleição, e na cédula de votação constou Partido Independente da Canalha Acadêmica – PCA. A castração rendeu um caloroso manifesto mimeografado.

Na eleição do ano seguinte (1981), o partido estava consagrado e na “boca do povo”, mas mesmo assim não registrou PICA². PAICA (em inglês).

O Partido tinha um mascote o “Pikinha” (Paiquinha) e um hino.

Concorríamos a qualquer eleição que aparecesse, mas sempre sem a pretensão ou intenção de ganhar, e sem pedir votos, confiando na qualidade e consciência de nosso eleitorado.

Concorremos ainda no ano de 1981, com a Chapa “Penetração” à eleição dos representantes do Corpo Discente perante a Congregação e aos Departamentos. Tínhamos grandes chances de vitória, mas devido ao furto da urna durante a votação na Sala do Estudante, sob a fiscalização do Prof. Kazuo Watanabe, fato que injustamente nos foi atribuído pela oposição, na nova votação, tivemos a redução dos votos, mas o Dagô, que concorria como representante do Departamento de Medicina Legal, foi eleito.

O Dagô tinha um eleitorado particular, e nas eleições sempre sua votação era superior a dos demais do Partido.

Inesquecível foi um aniversário dele comemorado na Faculdade em que o presente era uma “boneca inflável” (mulher de marinho, como diria o Dr. Dagoberto pai) vestida inicialmente com a camiseta da “Canhala” e depois só de lingerie, que assistiu aula de Direito Penal da Prof. Ivette Senise, e depois circulou por toda a Faculdade, acompanhada de dezenas de admiradores. Ao final o presente sumiu e o Dagô não pode levá-lo para casa, e apesar das fortes suspeitas de quem teria sido o autor do rapto, o mistério se mantém por todo este tempo.

Nas duas eleições que concorremos, a venda de camisetas do Partido, com o mascote “Pikinha”, (paiquinha), rendeu um bom dinheiro, porque independentemente da convicção política, muita gente comprava a nossa camiseta. O Dagô como tesoureiro é quem cuidava das vendas, estabelecia os preços e administrava os fundos, e na segunda eleição tivemos, dentre outros muitos eventos, o apoio cultural de três mulatas dançarinas do ObaOba, Casa de Shows do Sargentelli, que à época ficava na Av. Paulista. Juntamente com os músicos, na semana da eleição para o “XI”, passamos de sala em sala, nos períodos diurno e noturno, e em cada uma que se ia, ao sair, os alunos vinham junto, de maneira que se decretava um feriado. Havia muita receptividade inclusive dos professores. O professor Eros Grau, um dos mais entusiasmados, chegou a subir na mesa para dançar com as artistas.

Na eleição seguinte (1982), estávamos no 5º ano e já não concorriamos mais, e então o PICA – Paica apoiava a Chapa “UNIÃO ACADÊMICA – TIRE UMA CASQUINHA”, tendo o Miguel Pardell como Presidente e outros amigos nossos candidatos, ex-calouros, solidários na preservação das tradições, dentre as quais o “show das mulatas”, daí o nosso apoio era apenas cultural.

No horário da manhã, as três dançarinas do ano anterior e cinco músicos percussionistas, estilo troncados e barrigudos, e atrás deles uns 300 alunos, num silêncio que seria possível escutar um pernilongo voando, todos na porta da sala do 3º ano, onde transcorria a aula de Direito Penal do Prof. João Bernardino Gonzaga, que para “tranquilidade” dos alunos, mandava o bedel passar a lista de presença e trancar a porta da sala, que era de folha

Lewandowski, Paulo Dias Moura Ribeiro, Vieira de Moraes, João Antunes, Roque Mesquita e outros.

2 Esta chapa tinha a seguinte composição: Presidente – Alcides Leopoldo e Silva Jr. (Cidão), Vice-Presidente – JunioLuswarghi (Birigui), 1º Secretário – Alfredo Fanucchi Neto (Abelha), 2º Secretário – Carlos Eduardo Pachi (Cuca), 1º Tesoureiro – Dagoberto S. C. Camargo Jr. (Dagô), 2º Tesoureiro – Luiz Fernando Nishi (Nishi), Conselho Fiscal – Lincoln Cunha Pereira Filho (Lincoln), Renê de Jesus Maluhy Jr. (Renê) e Marina Pedranzini (Marina), Suplentes: Paulo Sérgio Caputo (Beja), Eduardo D’Arc Acocella (Dakinha) e Celso Fernando Gioia (Garça).



dupla, mas naquele dia se esqueceram de travar a parte superior, e de repente, uma leve pressão e a porta se abriu, a batucada começou, as dançarinas entraram acompanhadas dos músicos e dos alunos. Uma delas se dirigiu em direção ao professor e se desequilibrou quando este saía, quase caindo da cátedra, e os músicos interpretaram mal o ocorrido, e o tempo quase fechou, mas sem maiores consequências.

O lente se dirigiu à Diretoria e fez acalorada representação. Passados alguns minutos havia uma multidão no pátio interno. O Secretário da Faculdade Henrique Scalfi desce e diz a mim e ao Dagô, que o Diretor Vicente Marotta Rangel queria falar com nós dois. Atendemos prontamente com a consciência tranquila, e quando entramos na Sala da Diretoria o Prof. Bernardino quase caiu da cadeira, ao ver seu sobrinho Dagô. O Diretor havia pedido ao Secretário que trouxesse os responsáveis e este honrosamente nos elegeu, que nem tínhamos interesse naquela eleição, mas apenas em nos formar.

Pela Portaria do Diretor n. 14/21, de 28 de outubro de 1982, foi instituída uma comissão de sindicância, tendo como seu Presidente o Professor Doutor Alexandre A. Corrêa, composta ainda pelos não menos prestigiosos Professores Doutores Fábio Konder Comparato e José Ignácio Botelho de Mesquita. Fomos intimados para comparecer no dia 11 de novembro de 1982, às 15:30 horas, na Sala Visconde de São Leopoldo para esclarecimentos.

Alguns alunos que haviam assinado a lista de presença foram convocados aleatoriamente para esclarecimentos, bem como o bedel, que me confidenciou que ficou três dias sem por “uma gota de álcool na boca” para “não falar nenhuma besteira”.

O resultado da Sindicância, confesso que até hoje não sei, mas não me admiraria se ainda estiverem procurando as multas, pois muitas vezes na minha vida profissional me vieram pedir o telefone delas, sei apenas que no dia 03 de janeiro de 1983, menos de dois meses depois, eu e o Dagô estávamos com nossos diplomas assinados pelo mesmo Professor Doutor Alexandre Corrêa, e estudando para passar no concurso.

O Dagô tinha uma memória excepcional e melhor lembraria de dezenas de fatos curiosos e engraçados que vivenciamos todos aqueles dias de estudante, como ele dizia, a melhor época de nossas vidas.

Concluído o bacharelado, o Dagoberto passou a acalantar o sonho de ingressar na magistratura. Conversava muito sobre o assunto com seu pai que lhe transmitiu o entusiasmo e a certeza de que este seria o melhor caminho a seguir.

Bem-sucedido, Dagoberto Salles Cunha Camargo Júnior ingressou na magistratura paulista no ano de 1985, sendo promovido para a comarca de Estrela D'Oeste em 08.03.85 – 1ª entrância.

Em seguida, FORO DISTRITAL DE ITAPEVI (Comarca de Cotia) 2ª entrância.

5ª Vara Cível de Santo André em 13.12.85, 3ª entrância.

5ª Vara Cível de Santo André (Nomeação em caráter Vitalício) 06.01.86.

2ª Vara da Família e das Sucessões – Central em 25.05.94.

Falecido em 23.07.1998.

O Dagoberto teve vida ativa na Associação Paulista dos Magistrados, engajando-se em companhia de outros colegas tais como ANTONIO CARLOS VIEIRA DE MORAES, PAULO MOURA, JOÃO ANTUNES, sob a batuta do SÉRGIO GUERRIERI REZENDE e outros em movimentos visando mudanças em prol da magistratura paulista. No “CONGRESSO ESTADUAL SOBRE A REFORMA CONSTITUCIONAL” é da lavra de ANTONIO CARLOS VIEIRA DE MORAES e DAGOBERTO SALLES CUNHA CAMARGO JUNIOR, proposta de Incorporação dos Tribunal de Alçada aos Tribunais de Justiça, proposta esta que veio efetivamente a vingar. Desse Grupo também participava ativamente o PAULO MOURA, hoje Ministro do Superior Tribunal de Justiça que a todos nós colegas que muito o admiramos nos enche de orgulho.

Também é da lavra da dupla Antonio Carlos Vieira de Moraes e Dagoberto Salles Cunha Camargo Junior, proposta de criação de JUIZADOS ESPECIAIS na qual estabeleciam a composição e recursos cabíveis.

Por último, não é demais citar a proposta PUBLICIDADE E MOTIVAÇÃO DAS DECISÕES JUDICIAIS, da mesma dupla, que objetivava “explicitar o princípio da publicidade e motivação das decisões judiciais, como garantia fundamental do Estado”.



Por fim, há uma pessoa especialmente amiga, dos últimos tempos, que não poderá jamais ser esquecida. É o ALBERT, meu companheiro hoje aqui presente. Entre eles existia extrema afinidade de ideias e pensamentos, o que o fez tornar-se precioso confidente nos últimos tempos. Talvez a grande diferença de idade e a experiência do Albert, alemão egresso da 2ª Guerra Mundial, vivido e experiente é que tenha causado tão grande aproximação. Aproximação esta que não se limitava a visitas residenciais. Eram grandes companheiros até para divertidas saídas noturnas, animando-se o Júnior até a levá-lo em sua companhia, quando eu estava ausente em viagem, ao famoso e discutido “café photo” dentre outros locais, dos quais ambos guardaram boas lembranças e que tenho a certeza serviram para amenizar as mazelas do cotidiano.

Dagoberto se foi, mas ainda é latente a falta que ele faz para todos da família e para os amigos que conquistou.

E aqui vai o depoimento do João Antunes, amigo de fé camarada, que viu, presenciou e pode aprender a admirar o nosso inesquecível Dagô.

São deles essas palavras que encerram esta mensagem: *“O fato é que ele foi o irmão que eu não tive... e eu ainda sofro muito sua ausência...”*

Ele era um cara sensacional... inteligente, perspicaz, pensamento rápido, de ótimo coração.

Adorava sair, namorar.... gostava muito também de participar de “política” da magistratura, propondo, acompanhando e lutando por projetos (de lei, inclusive da classe).

Júnior fique em paz com Deus. Nós todos que aqui estamos temos muitas saudades de você.

Boa tarde e obrigada Senhores e Senhoras.

No encerramento da cerimônia, o vice-presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Eros Piceli, disse: “O Tribunal de Justiça sente-se homenageado por poder contar com nomes tão dignos quanto Dagoberto Salles Cunha Camargo e Dagoberto Salles Cunha Camargo Filho. Lembrando deles os mantemos vivos em nossa memória e em nossos corações”.

Também compareceram à solenidade o presidente da Seção de Direito Privado do TJSP, desembargador Artur Marques da Silva Filho; o presidente da Seção de Direito Público, desembargador Ricardo Mair Anafe; o presidente da Seção de Direito Criminal, desembargador Geraldo Francisco Pinheiro Franco; o decano do TJSP, desembargador Sérgio Jacintho Guerrieri Rezende; o ex-vice-presidente do TJSP, desembargador José Gaspar Gonzaga Franceschini; o ex-corregedor geral da Justiça de São Paulo, desembargador Gilberto Passos de Freitas; o presidente do Conselho Consultivo Orientador e Fiscal da Apamagis, desembargador Luis Fernando Nishi; o vice-presidente do Conselho Consultivo, Orientador e Fiscal da Apamagis, desembargador Renzo Leonardi; o juiz assessor e chefe do Gabinete Civil da Presidência, Ricardo Felício Scaff; a viúva e mãe dos homenageados, Ângela Gonzaga Cunha Camargo; a viúva do juiz Dagoberto Filho, Cláudia Maria; o filho e irmão dos homenageados, Clóvis Gonzaga Cunha Camargo, acompanhado de sua esposa, Maria Fernanda; os netos e filhos dos homenageados, Lucas e Luiza; netos e sobrinhos, Pedro e João; desembargadores; juízes; membros do Ministério Público; defensores públicos; advogados; autoridades civis e militares; familiares; amigos e servidores da Justiça.

